PODCAST

A inteligência artificial vai mudar as nossas vidas?

Arlindo Oliveira, professor do Instituto Superior Técnico, esteve no "Money Money Money" para falar sobre o futuro da inteligência artificial a propósito do sucesso do ChatGPT

"O ChatGPT, modelo de linguagem informático desenvolvido pela OpenAI, foi treinado em milhões de textos da internet para responder a perguntas de forma conversacional. É capaz de gerar texto em vários idiomas e responder a perguntas sobre factos, definições, opiniões e muito mais. O objetivo é ajudar a automatizar conversas e tornar a interação humano-computador mais fácil e intuitiva. A inteligência artificial já está a mudar as nossas vidas de diversas formas e tende a ter um impacto cada vez mais significativo no futuro. Pode ser usada para automatizar tarefas repetitivas e ajudar a tomar decisões mais precisas em vários sectores, incluindo saúde, finanças, transporte e manufatura. Está também a ser usada para desenvolver novas tecnologias que tornam a nossa vida mais fácil. Levanta questões éticas e desafios, como a possibilidade de desemprego trazida com a automação e a preocupação com a privacidade e segurança de dados."

As linhas anteriores, que serviram de introdução a este episódio do "Money Money Money", foram escritas pelo ChatGPT em resposta a duas questões: o que é o ChatGPT e como vai a inteligência artificial mudar as nossas vidas. Apenas um exemplo do potencial desta ferramenta para abrir a discussão com Arlindo Oliveira, professor do Instituto Superior Técnico e especialista em inteligência artificial.

A tecnologia "é conhecida há cinco anos e tem havido melhoramentos", lembra Arlindo Oliveira. Um "avanço com algum significado é a capacidade de gerar textos, que fez explodir a perceção pública da ferramenta e há milhões de pessoas no mundo a pensar em aplicações". Uma "nova década, onde vamos usar estes modelos de linguagem de uma maneira cada vez mais eficaz e profunda em situações do dia a dia", sintetiza o académico. Tudo devido a uma nova arquitetura, que "permite relacionar palavras distantes entre si numa frase, fazer relações e construir uma hierarquia de conceitos que pode ser complexa".

Treinado em grandes volumes de dados, "é um modelo estatístico que olha para centenas de palavras e depois de uma sequência tem uma estimativa do que pode vir a seguir", explica. Mas tem "limitações, é um modelo puramente estatístico, tem como objetivo gerar textos plausíveis e razoáveis, fá-lo, mas não foi desenhado para recuperar informação factual".

Quando esta nova ferramenta for integrada com os motores de busca e sistemas com informação factual, "passaremos a ter sistemas muito poderosos", que ainda não existem. "Iremos ter nos próximos cinco anos, há desafios técnicos, mas são solúveis." E "é preciso perguntar até que ponto uma pessoa pode ter mais qualidade na geração de conteúdos do que estes sistemas".

Também levanta problemas ao criar "plataformas de textos artificiais, que têm puramente como objetivo gerar conteúdos para atrair atenção e pessoas para os *sites*". E pode trazer uma nova vaga de desemprego. "Desde a primeira Revolução Industrial que existe a preocupação de que os postos de trabalho sejam destruídos pela tecnologia", recorda. "O passado não é uma garantia de comportamentos futuros, e à medida que a capacidade destes sistemas aumenta reduzem-se as áreas onde os seres humanos acrescentam valor, e, mesmo que existam, as pessoas podem não ter essas competências", alerta.

FOTO TIAGO MIRANDA

Há ainda questões éticas: "O desafio para acharmos informação fiável e fidedigna vai ser cada vez maior. A criação de bolhas de informação é preocupante e nós, como sociedade, não estamos a conseguir gerir esta questão."

AMADEU ARAÚJO
economia@expresso.impresa.pt